

## A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA LEITURA: UM DE SEUS PERIGOS

### THE SOCIAL CONSTRUCTION OF READING: ONE OF ITS DANGERS

Thiago Barbosa Soares\*

#### RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar, com argumentação sólida e fundamentada, a construção social da leitura como um de seus possíveis riscos, particularmente no que se refere à sua desapropriação enquanto valor em si mesma e à sua instrumentalização para a obtenção de saberes estritamente utilitários. Para desenvolver essa reflexão, recorre-se às contribuições teóricas de autores como Freire (2011), Soares (2010), Chartier (1999) e Marcuschi (1999), cujas perspectivas oferecem um panorama aprofundado sobre a leitura enquanto prática socialmente mediada. Parte-se da premissa de que os indicadores sociais da leitura têm apresentado um agravamento significativo, em grande parte devido à consolidação de uma leitura artificializada, cuja principal consequência tem sido a desvalorização da dimensão individual e introspectiva dessa prática. Para sustentar essa análise, o artigo se estrutura em duas seções principais: a primeira, intitulada **A leitura como construção social**, revisita as concepções dos teóricos mencionados acerca da leitura como uma experiência de partilha interativa, permitindo a compreensão mais ampla desse fenômeno; a segunda, **Notícias recentes sobre a leitura**, examina reportagens jornalísticas publicadas em 2024, que retratam o panorama atual da leitura no Brasil, evidenciando desafios e tendências. Como um dos principais desdobramentos desta investigação, levanta-se a hipótese de que um dos riscos enfrentados pela leitura na contemporaneidade seja sua crescente associação à necessidade de interconectividade, compartilhamento e validação externa. Esse movimento, paradoxalmente, pode fragilizar sua permanência enquanto experiência subjetiva e autônoma, esvaziando seu potencial como espaço de reflexão, elaboração crítica e formação do pensamento individual.

**Palavras-chave:** Leitura. Sociedade. Declínio.

#### ABSTRACT

This article aims to present, through solid and well-founded argumentation, the social construction of reading as one of its potential risks, particularly concerning its dispossession as an intrinsic value and its instrumentalization for the acquisition of strictly utilitarian knowledge. To develop this reflection, the analysis draws on theoretical contributions from authors such as Freire (2011), Soares (2010), Chartier (1999), and Marcuschi (1999), whose perspectives offer an in-depth overview of reading as a socially mediated practice. The argument is grounded in the premise that social indicators of reading have significantly worsened, largely due to the consolidation of artificialized reading practices, whose primary consequence has been the devaluation of the individual and introspective dimension of this activity. To support this analysis, the article is structured into two main sections: the first, titled **Reading**

\* Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor adjunto no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Pesquisador bolsista de produtividade do CNPq. E-mail: [thiago.soares@mail.uft.edu.br](mailto:thiago.soares@mail.uft.edu.br).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8919327601287308>.

as a **Social Construction**, revisits the aforementioned theorists' conceptions of reading as an experience of interactive sharing, enabling a broader understanding of this phenomenon; the second, **Recent Developments in Reading**, examines journalistic reports published in 2024 that depict the current state of reading in Brazil, highlighting contemporary challenges and trends. One of the central hypotheses arising from this investigation posits that a key risk faced by reading in contemporary society is its growing association with the demand for interconnectivity, sharing, and external validation. Paradoxically, this trend may undermine its sustainability as a subjective and autonomous experience, diminishing its potential as a space for reflection, critical engagement, and the development of individual thought.

**Keywords:** Reading. Society. Decline.

## 1 INTRODUÇÃO

Dizia-se muito sobre a leitura e sobre seu hábito, porém, isso quando a leitura, como uma prática capaz de interpretar, mediante a complexidade do uso da língua, era empregada em um sentido mais restrito, isto é, voltada ao livro ou pelo menos a materiais escritos. Somando-se a esse fator limitador, encontra-se a avalanche de produtos digitais capazes de dispersar a atenção e a própria desvalorização da leitura como um hábito a ser construído sob a pena da introspecção voluntária. Independentemente da classe social à qual o sujeito pertença, a leitura deveria ser considerada parte integrante de sua formação continuada e, sobretudo, uma forma necessária de aquisição de conhecimentos. Todavia, não se pretende aqui advogar por uma concepção tradicional de leitura, muito embora uma das interpretações deste artigo seja justamente essa, mas, sim, apresentar, mesmo que sinteticamente, uma correlação entre uma nova visão de leitura e um de seus eventuais perigos.

Cabe, mesmo antes do adentramento da problemática deste artigo, ler um trecho segundo o qual a questão da leitura é deslocada para a construção subjetiva daquele que pode ser um de seus incentivadores. Nesse direcionamento, Grazioli e Coenga (2014) declaram:

Partilhar é o termo ideal, porque antes de tudo, a leitura é uma experiência que envolve a troca, o diálogo e a interação. Muito se ouve falar que os alunos não leem. Há uma questão, no entanto, que deve anteceder a essa: como o professor enfrenta o desafio da leitura? Nesse sentido, o professor que deseja formar leitores e promover em sala de aula precisa se perguntar antes: Como me tornei leitor? Como descobri o interesse pela leitura? Qual a experiência de leitura que eu tenho que partilhar com os outros? (Grazioli; Coenga, 2014, p. 191).

Provavelmente os autores, da citação acima, desconhecem profundamente a realidade enfrentada pela massiva maioria de professores da rede pública e privada de escolas do Brasil, uma vez que a atribuem a ele o papel responsabilizador por fazer da leitura uma prática

envolvente, dialógica e interativa. Se o professor, não consegue ler, ou é um leitor “dinâmico”, por conta de suas condições de trabalho e, por conseguinte, de suas possibilidades, não pode ser o culpado pelo fracasso da leitura, tampouco esse tipo de insucesso deve-se à falta de labor do profissional da educação, entretanto, como se pretende aqui demonstrar correlativamente, a maioria dos problemas acerca da leitura, senão todos, estão intimamente relacionados à sua concepção como construção social, segundo uma abordagem da sociologia do conhecimento de Berger e Luckmann (2004), e, consequentemente, ao seu alargamento conceitual e técnico.

Portanto, com o objetivo de apresentar argumentativamente a construção social da leitura como um de seus perigos, direcionados para a desapropriação da leitura como valor em si mesma para obtenção de saberes úteis tanto para utilização construtiva de conhecimentos quanto para comparações subjetivas com a intenção de aumentar as experiências, este artigo parte, sob tal propositura, da pressuposição de que os indicadores sociais de leitura pioraram significativamente devido à produção de uma leitura artificiosa, cujo principal efeito foi a desvalorização da prática individual da leitura. Para alcançar tal propósito, desenvolvem-se duas seções mais adiante, uma, **A leitura como construção social**, na qual as ideias de autores, como Freire (2011), Soares (2010), Chartier (1999) e Marcuschi (1999), entre outros, acerca da leitura como uma experiência de partilha interativa são devidamente recenseadas para que assim entenda-se o que é a leitura como construção social, outra, **Notícias recentes sobre a leitura**, na qual se expõem algumas matérias jornalísticas, produzidas em 2024, que descrevem o processo relativamente crítico da leitura no Brasil. Ao fim, nas **Considerações finais**, delineiam-se as potenciais contribuições decorrentes do percurso perquiridor trilhado ao longo deste estudo.

## 2 A LEITURA COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL

Nesta seção, empenha-se em demonstrar, a partir de um recenseamento conceitual, a leitura como uma construção social segundo autores que assim a teorizam. Nesse direcionamento elucidativo, cabe dizer que não se pretende realizar um aprofundamento exaustivo dos principais teóricos que explicitam a leitura como uma construção social, antes, volta-se para alguns, que facilmente representam a maioria tanto pelo conteúdo quanto pela forma de tratamento do objeto em questão, para uma extração interpretativa de concepção da leitura. Ressalta-se, antes de quaisquer outras ilações, que, com esse procedimento, não se

tenciona, em absoluto, a um movimento de refutação teórica, mas, conforme objetivo traçado para este artigo, um delineamento de efeitos de tal construto.

Feitos os devidos aviamentos, ressalta-se que o conjunto disponível de materiais, artigos, monografias, dissertações e teses, entre outros, acerca da leitura é vasto e muito amplo, também por essa razão, não há a possibilidade de abordá-lo em sua totalidade. Todavia, pode-se iniciar uma investigação sobre a leitura como uma clássica citação de Paulo Freire (2011) que externaliza o seguinte: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (Freire, 2011, p. 19). Com tal perspectiva norteadora no horizonte, explicada e subsidiada por Soares (2010) ao afirmar que “Dessa forma, ler estende-se desde a habilidade de simplesmente traduzir em sons sílabas, até a habilidade de pensamento cognitivo e metacognitivo” (Soares, 2010, p. 31), tem-se uma ruptura e, por conseguinte, uma ampliação do conceito tradicional de leitura.

Se antes a leitura de textos era tida como decodificação, mesmo que esse processo já implicasse uma série de operações cognitivas, após o ingresso do construtivismo na compreensão pedagógica de ensino-aprendizagem, a concepção de leitura recebeu alto investimento teórico para tornar-se uma construção socio interacional. Com base nos estudos de Duarte (2004), observa-se a existência de diversos elementos em comum entre as pedagogias escolanovista e construtivista. Para esse autor, ambas as abordagens integram o conjunto das pedagogias do “aprender a aprender”. Nesse contexto, conforme aponta Libâneo (1989), as pedagogias que adotam essa concepção priorizam o processo de aquisição do conhecimento em detrimento do conhecimento em si. Saviani (1985), ao explicar que com o escolanovismo, iniciado na década de 1930, as escolas passaram de lugares sombrios para escolas coloridas, alegres, movimentadas e bem equipadas, também traz germe da nova visão de leitura.

Segundo uma vertente da sociologia do conhecimento, produzida por Berger e Luckmann (2004), tal tipo de projeto interpretativo do construtivismo escolanovismo é uma das manifestações da construção social da realidade, voltada à área educacional. É no interior da implantação dessa corrente pedagógica que a concepção de leitura ganha novas tonalidades para, desse modo, deixar de ser um ato solitário, isolado e difícil. Um exemplo de transformação do entendimento da leitura encontra-se nas ideias de Roger Chartier (1999), que declara que o texto é socioconstrutivo, ou seja, o leitor deve dialogar com o texto percebendo as intenções que ali são trazidas para, a partir daí, construir significado. Desse mirante, leitor e texto, que pode ser qualquer objeto semiótico, precisam participar de uma mesma esfera de cultura, precisam dialogar sobre aquilo que se construam mutuamente.

A relação acima evidenciada a partir Chartier (1999), conforme argumenta Marcuschi (1999), refere-se ao sentido não estar inherentemente presente no texto que o leitor lê. Embora o sentido constitua o ponto de partida para a compreensão do texto, a construção do significado depende do envolvimento ativo do leitor, que deve interagir com o texto e estabelecer conexões entre seu próprio universo e o conteúdo textual, de acordo com Marcuschi (1999). Como o autor mesmo assevera: “Na verdade, a leitura é um processo de seleção que se dá como um jogo com avanço de predições, recuos para correções, não se faz linearmente, progride em pequenos blocos ou fatias e não produz compreensões definitivas” (Marcuschi, 1999, p. 96). Em vista dessa elaboração sobre a leitura, a unidade de sentido, isto é, o texto, só se concretiza por meio de um engajamento efetivo entre leitor e texto, no qual o primeiro atribui valor, significado e relevância ao segundo.

De acordo com a nova concepção de leitura, ler, conforme explica Lajolo (2008), não se limita a um exercício de decifração, como se fosse um jogo de adivinhação do significado preestabelecido de um texto. Pelo contrário, trata-se de um processo ativo de construção de sentidos, no qual o leitor desempenha um papel fundamental. Para Lajolo (2008), a partir do texto, o leitor deve ser capaz de atribuir-lhe significados, relacioná-lo a outros textos e experiências que compõem seu repertório cultural e cognitivo, além de reconhecer as intenções discursivas do autor. Uma vez que esse reconhecimento não implica uma aceitação passiva do sentido pretendido pelo emissor, Lajolo (2008), afirma que o leitor, como sujeito autônomo, pode tanto se envolver plenamente com a proposta interpretativa do autor quanto resistir a ela, questionando-a e formulando leituras alternativas, não previstas originalmente no texto. Assim, a leitura configura-se como um espaço dialógico e dinâmico, no qual diferentes significados emergem a partir da interação entre texto e leitor.

São Silva e Zilberman (2004) que explicitam melhor a leitura como uma concepção social segundo a qual se ultrapassa o texto escrito para que haja uma aquisição simbólica dos componentes culturais presentes no circuito coletivo. Nesse direcionamento, a leitura, sob uma perspectiva social, atua como instrumento de conscientização ao conectar a sociedade à produção cultural por meio de diversas manifestações da linguagem, sejam gestuais, visuais ou verbais, conforme esclarecem os autores:

Compreendida dialeticamente, a leitura também pode se apresentar na condição de um instrumento de conscientização, quando diz respeito aos modos como a sociedade, em conjunto, repartida em segmentos diferentes ou compostas de indivíduos singulares, se relaciona ativamente com a produção cultural, isto é, como os objetos e

atitudes em que se depositam as manifestações da linguagem, sejam estas gestuais, visuais ou verbais (oral, escrita, mista, audiovisual) (Silva; Zilberman, 2004, 112).

Como é possível notar, a noção de leitura proposta pelos autores recenseados propõe uma concepção amplamente expandida da leitura, sustentando-se em diversos outros autores que enfatizam sua natureza social e interativa. Contudo, essa ampliação conceitual gera um problema teórico significativo: ao abarcar praticamente qualquer forma de interação simbólica, a leitura perde sua delimitação técnica e conceitual, tornando-se um termo excessivamente abrangente e, consequentemente, impreciso. Ao fundamentar-se em autores como Freire (2011), Soares (2010), Chartier (1999) e Marcuschi (1999), a noção de leitura ganha um panorama no qual a leitura extrapola a decodificação de signos linguísticos, englobando todo e qualquer processo de significação. Essa perspectiva, embora relevante para a compreensão da leitura como prática sociocultural, leva ao risco do “esfarelamento técnico-conceitual”, pois, se tudo pode ser considerado leitura, o próprio conceito torna-se esvaziado.

A citação de Freire (2011), ao afirmar que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 2011, p. 19), sustenta a ideia de que todo ato interpretativo da realidade pode ser visto como leitura. Contudo, essa concepção, quando estendida sem restrições, compromete a distinção entre leitura e outras formas de apreensão da realidade. Se ler é interpretar qualquer signo presente no cotidiano, o termo perde sua especificidade e torna-se sinônimo de percepção e compreensão geral, desviando-se de sua natureza técnica. Além disso, a perspectiva apresentada acerca da nova concepção de leitura baseia-se fortemente na interação ativa do leitor com o texto, conforme apontam Chartier (1999) e Marcuschi (1999). Ainda que a teoria da recepção tenha contribuído para o reconhecimento do papel do leitor na construção de sentido, sua aplicação generalizada a qualquer tipo de interação simbólica pode levar a um relativismo interpretativo excessivo. A noção de que “todos leem tudo a todo instante” implica afirmar que qualquer experiência sensorial pode ser equiparada à leitura, diluindo a especificidade do ato de ler e esvaziando sua relevância pedagógica e epistemológica.

Outro ponto problemático sobre a nova acepção de leitura é a generalização da leitura como fenômeno exclusivamente social, como sugerido por Silva e Zilberman (2004). Embora a leitura de fato ocorra em um contexto social e seja influenciada por fatores culturais, a ênfase na construção coletiva do significado pode minimizar aspectos individuais e técnicos do processo de leitura, como habilidades cognitivas específicas e o domínio de códigos linguísticos, uma vez que sem esses a leitura de textos escritos fica inviabilizada. Esse viés sociológico pode obscurecer a distinção entre leitura como prática cultural e leitura como

competência técnica. Por fim, a nova concepção de leitura parece não considerar de forma crítica as implicações dessa ampliação conceitual. Se toda forma de interação simbólica pode ser classificada como leitura, a necessidade de métodos específicos para seu ensino e aprimoramento fica profundamente comprometida. Assim, o percurso apresentado, ao buscar incluir as múltiplas formas da nova noção de leitura, acaba por demonstrar a fragilidade de sua definição, por tornar o conceito excessivamente difuso para aplicações pedagógicas e acadêmicas rigorosas.

Portanto, como foi possível perceber pelo panorama apresentado, a ampliação indiscriminada do conceito de leitura conduz à sua fragmentação e esvaziamento teórico. Para evitar esse problema, seria necessário um equilíbrio entre a visão socioconstrutivista da leitura e a preservação de seus aspectos técnicos e formais, garantindo uma definição que contemple tanto sua função social quanto sua especificidade quanto prática cognitiva e linguística. Contudo, como esse aconselhamento não parece ser passível de emprego imediato, e tal expediente é um excedente desta investigação, volta-se, adiante, para os efeitos da conceituação contemporânea de leitura segundo o que se diz sobre ela nos veículos midiáticos, a despeito do que se pode constatar empiricamente in loco nas escolas de praticamente todo o Brasil, sobretudo públicas, nas quais se adotaram tal concepção.

### 3 NOTÍCIAS RECENTES SOBRE A LEITURA

Nesta seção, trazem-se à luz da problemática da leitura como construção social algumas matérias publicadas em veículos midiáticos prestigiados para se compreender parte do impacto de tal concepção de leitura na atualidade brasileira. Ressalta-se, antes de qualquer crítica, que este recenseamento não é verticalizado e não se estende ao logo das últimas décadas, mas, antes, limita-se a promover uma visão ampla e geral, circunscrita a notícias produzidas em 2024, de uma questão que envolve tanto o ensino, de maneira coletiva, quanto o sujeito, de maneira singular, sobre a leitura, ou melhor, a sua expressiva diminuição como uma prática. Assim, nesse horizonte, exprimem-se os títulos das reportagens: “Retratos da Leitura no Brasil” (Instituto Pró-Livro, 2024), “Brasil perdeu quase 7 milhões de leitores de livros em 5 anos, aponta pesquisa” (Porto, 2024a), “Brasil perdeu mais de 7 milhões de leitores, aponta pesquisa; mais da metade da população não lê livros” (Torres, 2024), “Retrato da Leitura no Brasil: 53% da população não lê, aponta pesquisa” (Rodrigues, 2024) e “Brasil perdeu 6,7 milhões de leitores em cinco anos, diz pesquisa” (Porto, 2024b).

A 6<sup>a</sup> edição da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” (Instituto Pró-Livro, 2024), divulgada em novembro de 2024, revelou que 53% dos brasileiros não leram nem parte de um livro nos três meses anteriores à pesquisa, indicando uma perda de aproximadamente 6,7 milhões de leitores em quatro anos. A redução foi observada em todas as faixas etárias, classes sociais e níveis de escolaridade. A média de livros lidos por ano também caiu de 2,6 para 2,4 por pessoa. Uma vez que a concepção da leitura como construção social sugere que o ato de ler não é apenas uma habilidade individual, mas um fenômeno que depende das condições sociais, culturais e históricas em que os sujeitos estão inseridos, o declínio da leitura apontado pela pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” (Instituto Pró-Livro, 2024) pode ser interpretado como resultado de mudanças estruturais na sociedade que influenciam a maneira como as pessoas relacionam-se com os livros.

Como a sociedade contemporânea valoriza cada vez mais a instantaneidade e o consumo rápido de informações, especialmente por meio das redes sociais e conteúdos audiovisuais, esse fator pode levar a uma mudança nos hábitos de leitura, fazendo com que os livros, que exigem um tempo mais longo de dedicação, tornem-se menos atrativos para grande parte da população. Tal coeficiente social, pode-se verificar em praticamente todas as notícias, bem como em “Brasil perdeu quase 7 milhões de leitores de livros em 5 anos, aponta pesquisa” (Porto, 2024a), na qual o periódico Folha de S.Paulo destacou que, pela primeira vez, a maioria dos brasileiros não é leitora de livros. A reportagem enfatiza a queda de 6,7 milhões de leitores nos últimos cinco anos e aponta que, desde 2015, a redução acumulada é de mais de 11 milhões de leitores. Já o jornal O Globo informou que o Brasil perdeu mais de 7 milhões de leitores nos últimos cinco anos, com mais da metade da população não lendo livros (Torres, 2024). A redução nos índices de leitura também ocorreu em todas as classes sociais, faixas etárias e níveis de escolaridade.

O SBT News destacou que 53% da população brasileira não lê livros, segundo a pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” (Rodrigues, 2024). A falta de tempo foi a justificativa mais apresentada pelos entrevistados para a ausência do hábito de leitura. Levando tal reportagem em consideração, o dado de que 53% da população brasileira não lê livros deve ser analisado de maneira crítica, considerando os fatores sociais que influenciam esse comportamento. Mesmo que a justificativa da falta de tempo não seja apenas uma resposta individual, trata-se de indicativo de desigualdades estruturais que limitam o acesso à cultura. Portanto, políticas públicas eficazes, o fortalecimento de bibliotecas comunitárias e escolares, além da valorização da leitura como um hábito constante e contínuo, são essenciais para reverter

esse cenário.

Por fim, tem-se o jornal Estado de Minas, no qual se ressaltou que o Brasil perdeu 6,7 milhões de leitores em cinco anos, conforme a pesquisa “Brasil perdeu 6,7 milhões de leitores em cinco anos, diz pesquisa” (Porto, 2024b). A média de livros lidos por ano caiu para quatro, a menor de toda a série histórica. Em vista do fio condutor de todas as notícias aqui arroladas, o declínio da leitura entre os brasileiros, tem-se que, para além de uma série de razões, como a econômica, a concepção de leitura praticada nessas matérias está predominantemente envolvida na circunscrição da leitura de unidades como livros, o que, diferentemente do apresentado na seção **A leitura como construção social**, afigure a leitura como um ato individual realizado pelo leitor. Nesse direcionamento elucidativo, a leitura, por mais que possa ser algo construído socialmente, como dita as teorias mais recentes, influenciadas pelo construtivismo escolanovista, não prescinde, como todas as matérias aqui inventariadas demonstraram, do ato leitor solitário, ou melhor, da ação ativa diante de um material escrito.

Portanto, de acordo com o que foi dito, ainda que a concepção da leitura deva considerar os aspectos interacionais e sociais que a permeiam e a constituem, a experiência da leitura solitária mantém-se essencial, não apenas como um processo de decodificação, mas, sobretudo, como um exercício intelectual autônomo, que fortalece a capacidade crítica e reflexiva do sujeito leitor. Assim, a leitura ativa, logo, representa uma interação dinâmica entre texto (ou livro) e leitor, na qual este último assume um papel de coautor na produção de significados, reafirmando a indissociabilidade entre a construção social do hábito leitor e a vivência individual que o sustenta, como demonstraram Emilia Ferreiro (1999) e Ana Teberosky (1991) ao proporem que o aprendizado da leitura emerja de interações sociais, porém, que se consolide na autonomia do sujeito leitor.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de apresentar, com argumentos consistentes, a construção social da leitura como um de seus perigos, direcionados para a desapropriação da leitura como valor em si mesma para obtenção de saberes úteis tanto para utilização construtiva de conhecimentos, este artigo fez um sobrevoo por entre as ideias de autores, como Freire (2011), Soares (2010), Chartier (1999) e Marcuschi (1999), entre outros, acerca da leitura como uma experiência de partilha interativa. Verificou-se, entre outros elementos adjacentes, que a nova visão sobre a leitura foi incrementada ao ensino formal por meio do crescente espaço recebido neste âmbito

pelo construtivismo escolanovista, iniciado na década de 1930 no Brasil.

Conforme visto, o recenseamento conceitual permitiu compreender a concepção de leitura envolvida com as condições de sua aprendizagem e, principalmente, com as condições de sua emergência nos leitores. Em outros termos, as novas teorizações acerca da leitura, como foi possível perceber, favoreceram a compreensão de que a leitura pode ser um gesto interpretativo de construção de subjetividade e obtenção de conhecimento, mas, ao mesmo tempo, incentivaram uma perspectiva segundo a qual a leitura, como prática sociocultural, trata-se de ler tudo e qualquer objeto repleto de sentido, fazendo com que o próprio conceito tornasse esvaziado.

O conjunto de matérias recentes que afirmam, baseado em pesquisas, que a leitura é cada vez menor no país, em boa medida, parece dizer que a leitura, tal como preconizada por teóricos construtivistas, vem perdendo espaço ou, por outro lado, mais periclitante, quer dizer que mesmo diante de uma noção tão elástica de leitura, que pode ser um mero gesto interpretativo – sendo esse jamais isolado de suas condições de emergência – não se pode abarcar a vontade de ler do sujeito, quando essa não é devidamente premiada socialmente. Ora, por mais que se modele o entendimento da leitura, mesmo que seus meandros permitam tamanha disposição e novos arranjos argumentativos acerca de seu funcionamento fisiológico, subjetivo e interacional, ela precisa ser realizada a partir de certos critérios, de início, relativamente simples: o emprego do conhecimento da língua sobre o funcionamento de um determinado texto escrito. Posteriormente, e tão-somente depois, passa-se aos graus mais profundos da verticalização da leitura, como uma leitura das condições históricas de criação do texto, das estruturas coletivas nela implicadas, das relações de saber-poder nela existentes etc.

Ressalta-se, mais uma vez, que não consta entre os objetivos deste artigo a crítica ao conceito de leitura como construção social, tampouco se busca forçar uma relação direta entre a nova acepção de leitura e as notícias que apontam para um possível declínio dessa prática na contemporaneidade. Isso porque, como foi explicitado ao longo deste texto, a leitura, em sua dimensão dinâmica, transcende o caráter meramente instrumental e adquire contornos complexos que a situam simultaneamente como uma prática de socialização e como um ato de apropriação individual do mundo simbólico. A leitura não pode ser reduzida a um fenômeno estritamente coletivo, pois também se constitui em uma atividade introspectiva, subjetiva e individualizante, na medida que envolve processos cognitivos, afetivos e interpretativos singulares.

Assim, ao se considerar a leitura como uma construção social, não se deve perder de

vista que essa concepção não anula sua faceta autônoma e interiorizada. O que se percebe é que a crescente ênfase na leitura como uma prática mediada por interações sociais pode, paradoxalmente, ocultar ou relativizar sua dimensão solitária e reflexiva, na qual o sujeito se depara consigo mesmo e com a materialidade textual em um exercício de compreensão e elaboração pessoal do sentido. Dessa forma, como não é possível estabelecer, de maneira categórica, uma relação causal entre a concepção da leitura como um fenômeno essencialmente social e seu possível declínio no circuito coletivo brasileiro atual, o que se pode conjecturar é que um dos desafios da leitura reside justamente no equilíbrio entre esses dois polos — o interativo e o introspectivo.

De acordo com o delineamento tracejado ao longo deste artigo, é possível levantar a hipótese de que um dos riscos enfrentados pela leitura na contemporaneidade seja sua associação crescente com a necessidade de correlação, de compartilhamento e de validação do cenário externo, o que, paradoxalmente, pode comprometer sua permanência como experiência subjetiva e autônoma. Portanto, se a leitura insere-se em um circuito predominantemente interacional e sua legitimidade passa a depender da adesão a práticas de socialização, corre-se o risco de enfraquecer a percepção de sua relevância enquanto experiência individual, profunda e transformadora.

## REFERÊNCIAS

- BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade:** tratado de sociologia do conhecimento. Tradução. Floriano de Souza Fernandes. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro:** do leitor ao navegador. Tradução. Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado. 1999.
- DUARTE, Newton. **Vigotski e o aprender a aprender:** crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.
- FERREIRO, Emilia. **Pasado y presente de los verbos leer y escribir.** México: Fondo de Cultura Económica, 1999.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. In: FREIRE, Paulo. (Org.). **A importância do ato de ler:** em três textos que se completam 51 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- GRAZIOLI, Fabiano T.; COENGA, Rosemar E. **Literatura Infanto juvenil e leitura:** novas dimensões e configurações. Erechim: Habilis, 2014.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**: 6<sup>a</sup> edição. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2024. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/2024/11/19/reducao-nos-indices-de-leitura-aconteceu-em-todas-as-classes-sociais-faixas-etarias-e-niveis-de-escolaridade-nos-ultimos-cinco-anos/>. Acesso em: 12 fev. 2025.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1989. Versão online. Disponível em: <<https://docs.google.com/file/d/0B8jeXMvFHiD-c3FtRFRnd1lMN00/edit>>. Acessado em: 12 fev. 2025.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Leitura como processo inferencial num universo cultural-cognitivo. In: BARZOTTO, Valdir Heitor (org). **Estado de leitura**. Campinas, SP: Mercado de letras: Associação de leitura do Brasil, 1999. p. 95 - 122.

PORTE, Walter. Brasil perdeu quase 7 milhões de leitores de livros em 5 anos, aponta pesquisa. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 19 nov. 2024a. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2024/11/brasil-perdeu-quase-7-milhoes-de-leitores-de-livros-em-5-anos-aponta-pesquisa.shtml>. Acesso em: 12 fev. 2025.

PORTE, Walter. Brasil perdeu 6,7 milhões de leitores em cinco anos, diz pesquisa. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 19 nov. 2024b. Disponível em: <https://www.em.com.br/cultura/2024/11/6992342-brasil-perdeu-67-milhoes-de-leitores-em-cinco-anos-diz-pesquisa.html>. Acesso em: 12 fev. 2025.

RODRIGUES, Gabriella. Retrato da Leitura no Brasil: 53% da população não lê, aponta pesquisa. **SBT News**, São Paulo, 19 nov. 2024. Disponível em: <https://sbtnews.sbt.com.br/noticia/brasil/retrato-da-leitura-no-brasil-53-da-populacao-nao-le-aponta-pesquisa>. Acesso em: 12 fev. 2025.

SAVIANI, Dermeval. Tendências e correntes da educação brasileira. In: MENOES, D. T. (Org.). **Filosofia da Educação Brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

SILVA, Ezequiel Theodoro da; ZILBERMAN, Regina. Pedagogia da leitura: movimento e história. In: SILVA, E. T.; ZILBERMAN, R. (orgs.) **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. 5 ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6 ed. E São Paulo: Contexto, 2010.

TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1991.

TORRES, Bolívar. Brasil perdeu mais de 7 milhões de leitores, aponta pesquisa; mais da metade da população não lê livros. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 nov. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2024/11/19/brasil-perdeu-mais-de-7-milhoes-de-leitores-aponta-pesquisa-metade-da-populacao-nao-le-livros.ghtml>. Acesso em: 12 fev. 2025.

## APÊNDICE 1 – INFORMAÇÕES SOBRE O MANUSCRITO

### AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

### FINANCIAMENTO

Não se aplica.

### CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores declararam não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmica, política e financeira referente a este manuscrito.

### DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Publicação e abertura dos dados da pesquisa.

### DIREITOS AUTORAIS

Os direitos autorais são mantidos pelos autores, os quais concedem à Revista Comunicação Universitária - os direitos exclusivos de primeira publicação. Os autores não serão remunerados pela publicação de trabalhos neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicado neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico. Os editores da Revista têm o direito de realizar ajustes textuais e de adequação às normas da publicação.

### OPEN ACCESS

Este manuscrito é de acesso aberto ([Open Access](#)) e sem cobrança de taxas de submissão ou processamento de artigos dos autores (*Article Processing Charges – APCs*). O acesso aberto é um amplo movimento internacional que busca conceder acesso online gratuito e aberto a informações acadêmicas, como publicações e dados. Uma publicação é definida como 'acesso aberto' quando não existem barreiras financeiras, legais ou técnicas para acessá-la - ou seja, quando qualquer pessoa pode ler, baixar, copiar, distribuir, imprimir, pesquisar ou usá-la na educação ou de qualquer outra forma dentro dos acordos legais.



### LICENÇA DE USO

Licenciado sob a Licença Creative Commons [Attribution-NonCommercial 4.0 International \(CC BY-NC 4.0\)](#). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.



### VERIFICAÇÃO DE SIMILARIDADE

Este manuscrito foi submetido a uma verificação de similaridade utilizando o *software* de detecção de texto [iThenticate](#) da Turnitin, através do serviço [Similarity Check](#) da [Crossref](#).



### PUBLISHER

Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE). Publicação no Portal de Periódicos da Universidade do Estado do Pará. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da referida universidade.



### HISTÓRICO

Submetido: 13 de fevereiro de 2025.

Aprovado: 13 de março de 2025.

Publicado: 07 de maio de 2025.